



**UNIVERSIDADE
DE LISBOA**



**PATRIMÓNIO DA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA**

Ciência e Arte

COORDENAÇÃO:
Marta C. Lourenço
Maria João Neto

LISBOA:
Tinta-da-china
MMXI

Com o apoio de:



Agradecimentos:

Arquivo da Secretaria-Geral do Ministério da Educação, Arquivo Municipal de Lisboa, Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, Cúria Diocesana de Lisboa, Divisão de Documentação Fotográfica do Instituto dos Museus e da Conservação, Estádio Universitário de Lisboa, Faculdade de Belas Artes (UL), Faculdade de Ciências (UL), Faculdade de Farmácia (UL), Faculdade de Letras (UL), Faculdade de Direito (UL), Faculdade de Medicina (UL), Faculdade de Medicina Dentária (UL), Faculdade de Psicologia (UL), Gabinete de Estudos Olisiponenses, Igreja de São Mamede, Instituto Bacte-

riológico Câmara Pestana (UL), Instituto de Ciências Sociais (UL), Instituto D. Luiz (UL), Instituto de Educação (UL), Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (UL), Instituto de Orientação Profissional (UL), João Sotomayor, Marc Heller, Metropolitano de Lisboa, Museu de Ciência (UL), Museu Nacional de História Natural (UL), Nina Szielasko, Observatório Astronómico de Lisboa (UL), Raúl Hestnes Ferreira, Reitoria da Universidade de Lisboa, Serviços de Acção Social da Universidade de Lisboa, 4SEE Photographers.

© 2011, Universidade de Lisboa
e Edições Tinta-da-china
Rua João de Freitas Branco, 35 A
1500-627 Lisboa
Tels.: 217269028/9 | Fax: 217269030
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

TÍTULO: *Património da Universidade de Lisboa —
Ciência e Arte*

COORDENAÇÃO: Marta C. Lourenço e Maria João Neto
AUTORES: AAVV
FOTOGRAFIA: José Nuno Lamas
TRATAMENTO DE IMAGEM: Mário Ambrózio
LEGENDAS E NOTAS: Ana Mehnert Pascoal

REVISÃO: Edições Tinta-da-china
CAPA E COMPOSIÇÃO: Edições Tinta-da-china, sobre fotografias do
Novo Laboratório dos Cursos, IBCP (capa)
e Diplomas de Direito, Reitoria da UL (contracapa)

1.ª EDIÇÃO: Março de 2011
ISBN: 978-989-671-079-8
DEPÓSITO LEGAL: 324870/11

Índice

Introdução

O património da Universidade de Lisboa:
património do conhecimento 7
Marta C. Lourenço, Maria João Neto

Museus

O Museu Nacional
de História Natural 17
Liliana Póvoas, César L. Lopes, Ireneia Melo, Ana I. Correia,
M. Judite Alves, Hugo Cardoso, A. M. Galopim de Carvalho
O Museu de Ciência 35
Marta C. Lourenço
Ana Maria Eiró
O projecto do Museu de Medicina,
Faculdade de Medicina 55
Manuel Valente Alves
Breve nota sobre os museus perdidos
da Universidade de Lisboa 67
Marta C. Lourenço, Catarina Teixeira

Arquivos Históricos

Arquivos históricos da Universidade de Lisboa:
breve abordagem 79
Marta Nogueira

Património Científico Integrado

Observatório Astronómico de Lisboa:
um observatório nacional na universidade 97
Pedro M. P. Raposo
O Observatório Astronómico
da Escola Politécnica de Lisboa, 1875-1911 107
Luís Miguel Carolino
O 'Laboratório Chimico' da Escola Politécnica
de Lisboa, 1837-1890 121
Vanda Leitão, Ana Carneiro
O Instituto Bacteriológico:
espaço, instrumentos e memória
da medicina laboratorial 137
José Pedro Sousa Dias

Património Artístico e Arquitectónico

O património artístico
da Faculdade de Belas-Artes:
o edifício e as suas memórias, as colecções,
o arquivo, os legados, um projecto de museu 157

Fernando António Baptista Pereira

Cidade Universitária:

ciência, espaço e função 173

Maria João Neto, Ana Mehnert Pascoal

Cidade Universitária:

um programa decorativo integrado 195

Clara Moura Soares, Ana Mehnert Pascoal

O selo da Universidade de Lisboa 215

Maria João Bonina Grilo

Património artístico da Universidade de Lisboa, entre saberes e afectos:
estudo, salvaguarda e divulgação de um conjunto monumental ímpar 227

Vítor Serrão

Directório de Colecções 243

Compilado por Catarina Teixeira e Ana Mehnert Pascoal

Abstracts 277

Notas sobre os Autores 283

INTRODUÇÃO

O património da Universidade de Lisboa: património do conhecimento

MARTA C. LOURENÇO

MARIA JOÃO NETO

Todas as grandes universidades têm grandes museus, colecções e património. Ao longo de quase mil anos, as universidades acumularam os testemunhos de uma longa história que, no caso europeu, se cruza, e frequentemente identifica, com a história da Europa. Por outro lado, a universidade é, por definição, lugar de criação e inovação em cada momento. Assim, estes testemunhos — colecções, arquivos, bibliotecas, museus, laboratórios, jardins botânicos, observatórios e demais edifícios — para além de serem parte integrante da memória e identidade das universidades, constituem a materialização da história do conhecimento e de como este foi sendo criado, apropriado, transmitido e transformado. Todo o património universitário possui esta tripla dimensão: constitui memória e identidade de uma determinada instituição individual, num determinado contexto local e nacional; consubstancia o intangível da instituição milenar ‘universidade’, no conjunto das suas práticas, tradições e valores; e é testemunho de uma história do conhecimento, de natureza ampla e universal.

A Universidade de Lisboa não é excepção. O seu património conta a história de uma *universitas* de primeira geração, fundada em 1290 por D. Dinis, com valores, tradições e práticas semelhantes a outras universidades criadas na Europa no final do século XIII, como por exemplo Valência (1246), Siena (1246), Roma (1303) e Pisa (1343). No contexto nacional, conta uma história de complexa trama social e política, que inclui a transferência para Coimbra no século XVI e a refundação durante a I República, há precisamente cem anos, por integração das grandes escolas oitocentistas de Lisboa. Finalmente, o património da Universidade de Lisboa conta igualmente a história do seu papel no desenvolvimento das ciências, artes e letras em Portugal e nas antigas colónias portuguesas,

bem como a sua dimensão cultural, mais evidente a partir de meados do século XIX.

A diversidade, coerência e importância do património da Universidade de Lisboa transcendem largamente as fronteiras da Universidade, da cidade e do país. No seu conjunto, cobre mais de 800 anos da história portuguesa e universal, sendo particularmente relevantes os núcleos referentes aos séculos XIX e XX, que se encontram praticamente intactos e constituem património científico e artístico *in situ*.

Este património é muito pouco conhecido do grande público, o que sucede por três razões fundamentais. Em primeiro lugar, o património não se encontra organizado em museus, contrariamente a outras universidades portuguesas com património significativo, como Coimbra e o Porto. Durante o século XX, e apesar de inúmeras intenções e planos, a Universidade apenas organizou dois museus no sentido do *International Council of Museums* (ICOM): o Museu Nacional de História Natural e o Museu de Ciência, actualmente em fase de reestruturação. Estes museus albergam apenas uma fracção do património artístico, científico e arquitectónico da Universidade. Em segundo lugar, a sensibilização da Universidade para o seu património cultural, a necessidade da sua preservação a longo prazo e acessibilidade a vastos segmentos do público é um fenómeno relativamente recente, quer no todo quer ao nível das faculdades. Finalmente, até 2007 nunca se tinha efectuado um levantamento sistemático do património cultural da Universidade.² Até essa altura, e em larga medida, não se sabia o que existia, onde e em que condições. O levantamento então iniciado foi completado em 2010, fazendo uso da mesma metodologia. Graças ao trabalho incansável de Ana Mehnert Pascoal e Catarina Teixeira, conhecemos um pouco melhor o nosso património. Entre Abril de 2010 e Janeiro de 2011, as duas

Marta C. Lourenço

Museu de Ciência da Universidade de Lisboa / Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia

Maria João Neto

Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

calcorream a Universidade inteira, quase sala a sala, com o apoio entusiástico de dezenas de professores, investigadores, alunos e funcionários de todas as Faculdades, Institutos e Reitoria, a quem aproveitamos para agradecer o acesso e a dedicação à preservação da memória colectiva da Universidade. Foram levantadas mais de 200 colecções, edifícios e objectos individuais de interesse cultural, cujas fichas estão a ser integralmente disponibilizadas na enciclopédia electrónica *Memória da Universidade*.³ No final deste livro, um Directório de Colecções faz o resumo desse levantamento.

O conjunto é muito rico e diversificado. Há colecções pequenas e colecções grandes. Colecções ‘adormecidas’ e colecções muito utilizadas para a investigação e o ensino. Colecções em museus e colecções em corredores, sótãos e gabinetes de professores. Colecções de relevância nacional e internacional e outras cujo interesse é local e restrito. Quase todas elas carecem de enquadramento institucional adequado, bem como de padrões mínimos de inventário, conservação e segurança. No seu todo, a Universidade de Lisboa carece de uma política integrada de gestão, preservação e divulgação do património cultural de interesse histórico-científico, artístico e arquitectónico, incluindo bibliotecas e arquivos históricos.

Este livro tem três objectivos fundamentais. Em primeiro lugar, divulgar o património cultural da Universidade de Lisboa a um público mais amplo. Em segundo lugar, contribuir para a sua preservação, organização, acessibilidade e, nalguns casos, classificação. Em terceiro lugar, divulgar alguns estudos recentes sobre esse património. Espera-se que o livro possa, pelos textos, fontes, iconografia e bibliografia que reúne e disponibiliza, não só contribuir para o aprofundamento de estudos como também para desencadear novas frentes de investigação transdisciplinar sobre as colecções, arquivos, bibliotecas e património edificado da Universidade de Lisboa. Estudar e conhecer é essencial para planear, organizar, preservar e divulgar.

O livro encontra-se organizado em cinco secções: a) museus; b) arquivos históricos; c) património científico *in situ*; d) património artístico e arquitectónico; e) o já referido Directório de Colecções. Esta divisão, porém, é puramente prática. As relações entre arte, ciência e conhecimento, e entre artefactos, espécimes, documentos e livros, são tecidas numa malha intrincada e complexa.

A Universidade de Lisboa possui cinco pólos de património integrado, todos monumentais, de grande qualidade e valor nacional e internacional: i) a norte de Lisboa, a Cidade Universitária, incluindo o Hospital de Santa Maria; ii) na designada Sétima Colina, os Museus da Politécnica e o Convento de São Francisco; iii) na Colina de Santana, o Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana; iv) na Tapada da Ajuda, o Observatório Astronómico de Lisboa; e v) em Cascais, o Laboratório Marítimo do Forte da Guia.

Nestes pólos, vários edifícios estão integrados em zonas especiais de protecção. Quatro estão classificados como imóveis de interesse público (IIP): o Convento de São Francisco da Cidade, o Picadeiro do Colégio dos Nobres (cobertura), o Observatório Astronómico da Ajuda e o Forte da Guia. O *Laboratório Chimico* da Escola Politécnica, que obteve o Prémio da Melhor Intervenção de Conservação e Restauro (Menção Honrosa) da Associação Portuguesa de Museologia em 2010, tem pendente a classificação como IIP. O Jardim Botânico está classificado como monumento nacional, no que inclui o edifício dos Herbários (Adelino Nunes, década de 1940) e o pequeno Observatório Astronómico oitocentista da Escola Politécnica.

Três edifícios da Universidade são premiados: a Faculdade de Psicologia foi Prémio Valmor em 1991 (Manuel Tainha), o Instituto de Ciências Sociais foi Prémio Valmor, Menção Honrosa, em 1993 (Raul Hestnes Ferreira) e o edifício C8, da Faculdade de Ciências, foi Prémio Valmor e Prémio Municipal de Arquitectura em 2000 (Gonçalo Byrne). Claramente, falta classificar o notável conjunto constituído pelos três edifícios iniciais da Cidade Universitária de Porfírio Pardal Monteiro — Reitoria, Faculdade de Direito e Faculdade de Letras — pela Cantina (Manuel Norberto Corrêa) e Estádio Universitário (João Simões).⁴

Como foi referido, a Universidade possui dois museus permanentemente abertos ao público. Da história do Museu Nacional de História Natural, integrado na Escola Politécnica em 1858, bem como das suas colecções, trata o texto de Liliana Póvoas, César L. Lopes, Ireneia Melo, Ana Isabel Correia, Maria Judite Alves, Hugo Cardoso e António M. Galopim de Carvalho. A história e origens do Museu de Ciência e os seus acervos de colecções, livros e documentos são-nos aqui apresentados por Marta C. Lourenço e Ana Maria Eiró. Mais recente do que o Museu Nacional de História Natural, o Museu de Ciência foi criado

em 1985, na sequência do incêndio da Faculdade de Ciências. O Museu de Ciência possui dois equipamentos histórico-científicos edificados de grande relevância, que são o *Laboratório Chimico* e o Observatório Astronómico, ambos construídos para apoio ao ensino da Escola Politécnica, na segunda metade do século XIX. Devido à sua singularidade e importância, são tratados separadamente na secção de património científico integrado.

Apesar de ainda não se encontrar aberto ao público, o Museu de Medicina, estabelecido em 2005, pretende preservar, estudar e divulgar as importantes colecções histórico-científicas da Faculdade de Medicina, cujas origens remontam à Real Escola de Cirurgia e à Escola Médico-Cirúrgica. A sua história e missão são aqui relatadas por Manuel Valente Alves, através de um *vol d'oiseau* por uma selecção dos seus objectos mais icónicos.

Poucas pessoas saberão que, por ocasião da Revolução de 1974, a Universidade de Lisboa tinha sob alçada dois museus nacionais. Hoje tem apenas um. Marta C. Lourenço e Catarina Teixeira relembram os museus que a Universidade teve e deixou de ter, bem como os museus que a Universidade planeou e nunca saíram do papel. Uns foram importantes, como o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, hoje Museu Nacional de Arqueologia, museu nacional desde a década de 60 e que a Universidade ‘perdeu’ no final dos anos 70. Outros foram museus de âmbito mais restrito, que entretanto se tornaram obsoletos para o ensino e investigação. Outros ainda, como o Museu de História da Ciência e o Museu de História da Química, foram planeados pela Faculdade de Ciências nos anos 30 e 40 e nunca passaram de meras intenções. Também não passaram de intenções os museus previstos para a Cidade Universitária. As plantas, desenhos e memória descritiva do plano de desenvolvimento da Cidade Universitária, da autoria de Manuel Norberto Corrêa e João Simões (1956), apresentam-nos um *campus* rico, diversificado, fiel à *Casa do Saber* de Pardal Monteiro, e perfeitamente em sintonia com as grandes universidades europeias da época. Esses planos, hoje largamente esquecidos, incluíam 11 museus, dos quais três pertenciam aos serviços centrais.

Na impossibilidade de apresentar aqui todos os magníficos fundos documentais históricos da Universidade, Marta Nogueira faz-nos um artigo em que sintetiza e aprofunda os resultados de um es-

tudo empírico efectuado entre 2007 e 2009. Estes arquivos são intensamente usados para fins de investigação e ensino pós-graduado, constituindo para além disso documentação relevante para a história da Universidade e das suas diferentes instituições, bem como um recurso indispensável para a história do desenvolvimento das diferentes ciências, artes e humanidades em Portugal.

Para além do Observatório Astronómico da Escola Politécnica, a Universidade de Lisboa integrou na década de 1990 o Observatório Astronómico de Lisboa, na Tapada da Ajuda.⁵ Ambos construídos na segunda metade do século XX, com escassos anos de diferença, o primeiro é um observatório de ensino de planta muito simples e o segundo é o observatório nacional português, traçado por inspiração no Observatório de Pulkova, em São Petersburgo. A Universidade de Lisboa orgulha-se assim de possuir dois observatórios astronómicos históricos únicos, representativos de duas tipologias distintas — ensino e investigação — e que mantêm praticamente intactos a sua traça, as suas colecções, os seus arquivos e bibliotecas. Isto não acontece em nenhuma outra universidade da Europa, que tenhamos conhecimento. Pedro Raposo apresenta-nos aqui o Observatório Astronómico da Ajuda e Luís Miguel Carolino o Observatório Astronómico da Escola Politécnica.

Igualmente notável é o *Laboratório Chimico*. Construído para apoio ao ensino das várias cadeiras de Química da Escola Politécnica na segunda metade do século XIX, foi salvo do incêndio de 1978 da Faculdade de Ciências por intervenção directa dos bombeiros. Restaurado entre 2002 e 2007, constitui aquele que é talvez o último dos monumentais laboratórios de química oitocentistas da Europa ocidental. Vanda Leitão e Ana Carneiro contam aqui as suas origens e história.

A Universidade de Lisboa constitui de facto uma singularidade no que diz respeito ao seu património histórico edificado. Para além da química e da astronomia, também na medicina a Universidade mantém um magnífico edifício histórico destinado até há bem pouco tempo ao ensino, investigação e serviço público nas áreas da bacteriologia e virologia. Trata-se do Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana, último sobrevivente de um complexo de edifícios que a Universidade manteve no Campo de Santana desde o século XIX até aos finais da década de 1950. A história e o desenvolvimento do Instituto, criado em 1892, são aqui contados por José Pedro Sousa Dias.

Destes quatro núcleos de património científico *in situ*, apenas o *Laboratorio Chimico* se encontra restaurado e aberto à fruição do público. O Observatório Astronómico da Escola Politécnica carece de uma intervenção profunda de conservação e restauro. O Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana e o Observatório Astronómico da Ajuda carecem de restauro e, sobretudo, de uma política concertada e integrada, ao nível da Universidade, que os torne sustentáveis e acessíveis.

No que diz respeito ao património artístico e arquitectónico, a Universidade de Lisboa orgulha-se igualmente de possuir um conjunto notável de edifícios de grande tradição histórica e de distinta concepção arquitectónica, valorizada por um criterioso programa decorativo, num discurso categórico de funcionalidade e estética. A presente obra vem reunir vários estudos que procuram dar a conhecer a história deste importante acervo artístico, revelando as suas qualidades, a sua dimensão e integração no contexto da produção da arte nacional.

O vetusto e histórico convento de São Francisco, onde hoje funciona a Faculdade de Belas-Artes, comporta em si toda uma tradição cultural assumida desde o liberalismo aos nossos dias. Na dinâmica das sucessivas reutilizações de espaços que, muitas vezes, dão vida ao nosso património arquitectónico, São Francisco foi uma das grandes oficinas da cultura nacional no século XIX, enquanto lugar de ensino artístico e receptáculo de bens culturais e artísticos. Aqui se concentraram, depois de 1834, os preciosos acervos, enriquecidos com os espólios dos conventos extintos, da Biblioteca Pública e da Academia de Belas-Artes, como conta o texto de Fernando António Baptista Pereira.

A par do exemplo das velhas formas renascidas no palpitante quotidiano da ocupação universitária, a projecção de novos edifícios de raiz, aptos a responder a um moderno ensino nas diferentes áreas do saber, marca, igualmente, a sua posição de relevo no conjunto patrimonial da Universidade de Lisboa. Os estudos assinados por Ana Mehnert Pascoal, Clara Soares e Maria João Neto revelam a notoriedade do programa arquitectónico e artístico da Cidade Universitária de Lisboa, pensada desde a sua criação, em 1911, e que até aos dias de hoje motivou o espírito criativo de grandes artistas nacionais e estrangeiros. Esta *Cidade do Saber*, concebida inicialmente pelo arquitecto Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957), tendo em conta uma articulação com o Hospital-Escola de Santa Maria, da autoria de Hermann Distel (1875-

-1945), assume um discurso de estruturação urbanística, a par de uma imponente implantação de volumes dos três edifícios: Reitoria e Faculdades de Letras e de Direito. Os blocos, de linhas direitas, num interessante equilíbrio e proporcionalidade, descobrem-se em diferentes escalas à medida que subimos a alameda. Os valores arquitectónicos são continuados no programa decorativo, no qual trabalharam importantes artistas que alimentaram técnicas artísticas tradicionais, como o vitral, o mosaico, o azulejo ou a tapeçaria, sabendo retirar o máximo proveito das características dos respectivos materiais.

A riqueza do programa iconográfico na sua diversidade e especificidade merece uma atenção particular, tanto na mensagem que procura transmitir, como no suporte e na execução de que é alvo. O barco, ladeado pelos dois corvos, é tema recorrente que difunde o emblema da Universidade criado em 1914 pelo arquitecto Raul Lino (1879-1974), na sequência da fundação da Universidade, nos alvares da I República, segundo as circunstâncias que explica o texto de Maria João Bonina.

Todos estes valores e testemunhos são observados na perspectiva da *obra de arte total* por Vítor Serrão, que nos ensina a ler sem complexos nem preconceitos o valioso património da Universidade de Lisboa. Percebemos a riqueza gerada ao longo dos tempos, o testemunho da memória de todos estes bens artísticos, para que no futuro, a começar hoje, possamos honrar o nosso compromisso com as gerações anteriores e as vindouras, na compreensão, usufruto e preservação desta importante herança cultural e científica.

A universidade do século XXI é forçosamente diferente da universidade proposta por Humboldt e por Newman no século XIX. Porém, a universidade continua a ser um lugar de criação e de vanguardas. Seja em Lisboa, em Belo Horizonte, Tóquio ou Vancouver, os cidadãos continuam a respeitar e a confiar nas 'suas' universidades, esperando que contribuam com a inovação e o conhecimento necessários ao desenvolvimento harmonioso das sociedades. Este constitui o grande (e nobre) legado das universidades à humanidade, um legado que estas têm a responsabilidade de explicar às gerações do presente e do futuro. As colecções, os museus e o património constituem o recurso mais natural e importante que as universidades dispõem para o fazerem de forma eficaz e, assim, prosseguirem a sua vocação criadora.

Notas:

- 1 A Universidade funcionou ininterruptamente em Lisboa até ao século XVI, à excepção de dois períodos de cerca de 30 anos. Cf. H. Fernandes (org.) *A Universidade Medieval em Lisboa*, no prelo. No caso dos edifícios dos Estudos Gerais de Lisboa, ver também R. Lobo, *A Universidade e a Cidade. Urbanismo e Arquitectura Universitários na Península Ibérica da Idade Média e da Primeira Idade Moderna*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2010.
- 2 M.C. Lourenço, 2007, *O Património Histórico, Científico e Artístico da Universidade de Lisboa, I* (Centro da Cidade e Observatório Astronómico de Lisboa). Não publicado.
- 3 Cf. <http://memoria.ul.pt>.
- 4 O Estádio Universitário não pertence ao Ministério da Educação desde o final da década de 1980.
- 5 Sob dependência directa da Faculdade de Ciências.

MUSEUS

O Museu Nacional de História Natural

LILIANA PÓVOAS, CÉSAR L. LOPES, IRENEIA MELO, ANA I. CORREIA,
M. JUDITE ALVES, HUGO CARDOSO, A. M. GALOPIM DE CARVALHO



AS ORIGENS

Na segunda metade do século XVIII, Portugal vive um momento de aproximação ao movimento científico e cultural que percorre a Europa das Luzes. A história natural está no centro desse movimento como fonte de conhecimentos úteis e de recursos económicos. Nesse contexto, em 1768 é criado o Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda, cujo primeiro director foi Domingos Vandelli (1735-1816).¹ As colecções vão sendo constituídas de acordo com os três reinos da natureza, reunindo exemplares recolhidos ou adquiridos comercialmente. Porventura, o mais significativo empreendimento científico e museológico dessa época é a realização das *viagens filosóficas* (1783-92),² destinadas à inventariação e descrição dos territórios e dos recursos naturais das colónias. Enriquecem-se as colecções e elaboram-se memórias e relatórios. Inicialmente destinado à educação e deleite dos príncipes e família real, o Museu passa a assumir uma dimensão pública em 1798, estando aberto à população um dia por semana e aos alunos e curiosos da história natural todos os dias.³

Em dois momentos, as colecções da Ajuda sofrem reveses: o primeiro, quando Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844), durante a invasão francesa de 1808, selecciona e remete exemplares para o *Muséum national d'Histoire naturelle* de Paris, nomeadamente as produções naturais provenientes do Brasil;⁴ o segundo, quando o Museu é transferido para a Academia Real das Ciências, que desde 1781 aspirava a constituir um museu nacional dedicado à história da natureza, para o qual tinha começado a reunir colecções.⁵ A transferência das colecções da Ajuda ocorre em 1836⁶ e foi provavelmente «feita com precipitação e sem as devidas precauções»; na ocasião,

ter-se-ão danificado muitos exemplares, perdido e trocado etiquetas.⁷

O Conselho da Escola Politécnica, logo um ano após a sua fundação em 1837, solicita a transferência do Museu de História Natural da Academia para as suas instalações, argumentando com a existência de competências para o estudo das colecções, espaços para as instalar e a necessidade de «os professores de Ciências Naturais terem à sua disposição meios com que possam tornar o seu ensino teórico e prático ao mesmo tempo».⁸ Mas o pedido não colhe resposta positiva imediata. Em 1839, apenas a tutela do Jardim passa para a Escola Politécnica de Lisboa.⁹

Na Academia, as colecções vão sendo ampliadas, estudadas e organizadas. Porém, «a falta de salas apropriadas à sua acomodação e exposição impedia o progresso das ciências naturais em Portugal, mostrando a necessidade da sua transferência».¹⁰ Em 1856, a Academia deixa de ter condições para abrir o Museu ao público e as colecções começam a apresentar sinais de falta de curadoria. Na impossibilidade de o tesouro público atribuir a verba solicitada para o desenvolvimento do Museu Nacional,¹¹ a Academia começa a ponderar que o Museu Nacional não «podia continuar a estar debaixo da sua administração por insuficiência de condições técnicas e materiais, sugerindo a ideia da sua instalação na Escola Politécnica».¹²

Em 1858, D. Pedro V decreta, pela Carta de Lei de 9 de Março, que «o Museu de História Natural, que foi, por decreto de 27 de Agosto de 1836, transferido para a Academia Real das Ciências de Lisboa, passa para a Escola Politécnica» e que «as colecções de zoologia e mineralogia e todos os objectos pertencentes ao mencionado Museu são incorporados nos gabinetes de zoologia e mineralogia da mesma escola» e, ainda, que «estes dois gabinetes ficam constituindo as duas secções do Museu».



Bloco de cobre nativo oferecido, em 1782, pela Prefeitura de Cachoeira (Baía) aos reis de Portugal, para o 'Museu dos Príncipes' (Real Museu da Ajuda), Coleção de Mineralogia, MNHN.

Em 8 de Maio de 1858, José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907), na qualidade de representante da Escola Politécnica, toma posse das coleções de mineralogia, paleontologia, *conchyologia* e zoologia, bem como de «todas as obras impressas, livros de registos e inventários, papéis avulsos e mobília diversa, por serem pertenças do dito Museu de História Natural, e com ele vieram para a Academia, no ano de 1836, das casas do Jardim Botânico da Ajuda». ¹³ A designação 'Museu Nacional de Lisboa', já referida em Carta de Lei de 1861, é fixada por decreto de 13 de Janeiro de 1862 que estabelece o regulamento do Museu. Em 1875, o Conselho da Escola Politécnica, alegando já possuir instalações adequadas, solicita a transferência dos herbários de Brotero, Vandelli, Welwitsch e Alexandre Rodrigues Ferreira, que tinham permanecido na Academia, ¹⁴ o que aconteceu pouco tempo depois.

Para a instalação do Jardim é elaborado um projecto de regulamento em 1843, mas é a partir de 1873, por iniciativa do conde de Ficalho (1837-1903) e de Andrade Corvo (1824-1890), que se inicia a plantação. ¹⁵ Em 1878 estava terminada a cerca. ¹⁶

A reforma do ensino superior de 1911 converte a Escola Politécnica em Faculdade de Ciências e integra-a na Universidade de Lisboa. O Museu Nacional permanece anexo à Faculdade. Em 1919, são regulamentadas as atribuições dos estabelecimentos anexos: «Destes estabelecimentos um dos mais importantes, pela quantidade e qualidade dos exemplares que constituem as suas colecções, é o Museu Nacional, com as suas três secções (...). Devem, sem dúvida, estes estabelecimentos continuar anexos à Faculdade de Ciências (...) mas autónomos pelo que respeita às suas funções. Institutos de investigação científica, nos quais não só há a fazer estudos de taxinomia [*sic*], mas experiências e indagações em todos os ramos das ciências naturais puras e aplicadas (...). Tal objectivo é completamente diverso das funções de ensino dos cursos; pode ser dele complemento, mas não parte integrante, sob pena de nem os cursos nem o Museu Nacional satisfazerem o fim a que devem visar. É consequência lógica da sua índole esta independência, o que não importa que o Museu não auxilie o ensino, pelo contrário, mas nas condições e modo próprio à sua feição.» ¹⁷ O decreto n.º 12:492 de 14 de Outubro de 1926 consigna a designação 'Museu Nacional de História Natural' (MNHN) e autonomiza cada uma das secções do Museu, que passam a constituir outros tantos estabelecimentos anexos à Faculdade de Ciências.

O incêndio que, em 1978, deflagrou no edifício da Faculdade de Ciências afectou gravemente o acervo das secções de Zoologia e Antropologia e de Mineralogia e Geologia. O Jardim Botânico não foi atingido, assim como os seus herbários, que tinham sido transferidos para edifício próprio, construído para o efeito em 1940. ¹⁸

Em 2003, os novos estatutos do MNHN confirmam a integração das três secções sob a forma de departamentos numa mesma estrutura orgânica. Também autonomizam o Museu da Faculdade de Ciências, passando este a ser tutelado directamente pela Reitoria da Universidade de Lisboa. ¹⁹



Desenho de Manuel Tavares da Fonseca, *Riscos De alguns Mammaes, Aves, e Vermes do Real Museo de Nossa Senhora da Ajuda. Ditos de Peixes, e Vermes de Angola, com o Prospecto da Embocadura do Rio Dande. Ditos De varios Animas raras de Moçambique, com alguns Prospectos, e Retratos*, fl. 22. Arquivo Histórico, Museu Bocage, Arquivo do MNHN.

AS COLECÇÕES DO MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL

Colecções Geológicas

Após a instalação na Escola Politécnica, as colecções de geologia são organizadas de acordo com as três divisões fundamentais: Mineralogia, Paleontologia e Petrologia. Sobretudo a partir de 1861, os acervos são enriquecidos com aquisições, colheitas e doações. Por esta via, chegam ao Museu Nacional exemplares e colecções provenientes de vários pontos do país, das colónias e do mundo, de minas em laboração, de museus congéneres e de colecções particulares, com destaque para as doações de D. Pedro V e D. Luís, algumas oferecidas a estes monarcas pelos «naturalistas mais eminentes do seu tempo».²⁰ Aquando do encerramento da Comissão Geológica, em 1868, são transferidas colecções para o Museu, por intervenção de Pereira da Costa (1809-1889).²¹ No final do século XIX, encontram-se já referências a decisões de não se exporem certos exemplares ou partes de colecções por «insuficiência de espaço».²²

Entre 1883 e 1916, é levada a cabo uma profunda reorganização das colecções, sempre segundo as sistemáticas vigentes.²³ Uma dotação orçamental elevada permitiu a aquisição de minerais de tal modo raros, que os mineralogistas estrangeiros exprimiam, por vezes, a sua admiração ao encontrarem espécies que conheciam apenas de descrições.²⁴ É também nesta altura adquirido, entre outros fósseis notáveis, o grande exemplar de *Megaloceros giganteus* e feita a recolha das pegadas de Dinossáurio terópode no Cabo Mondego.²⁵

A partir de 1919, o esforço de estruturação das colecções dirige-se sobretudo para Portugal e colónias, sendo aquelas constantemente aumentadas por doações e materiais recolhidos durante trabalhos mineiros e explorações geológicas.²⁶ No terceiro quartel do século XX, a actividade dominante é a investigação científica. A incorporação de materiais resulta quase exclusivamente dessa actividade.

A estrutura geral das colecções manteve-se, no essencial, até aos anos anteriores ao incêndio de 1978. Então perderam-se cerca de 50 por cento dos exemplares. As mais afectadas foram as Colecções de Mineralogia e Petrologia (80 por cento). O desaparecimento de grande parte dos inventários e catálogos não permite uma quantificação exacta das perdas. O Museu possui hoje cerca de 69 mil exemplares



Fóssil de *Megaloceros giganteus* do Plistocénico (c. 12 000 anos), Irlanda, em exposição na antiga Sala de Paleontologia, 1957 (Foto A. Nunes, Arquivo MNHN).

Notas sobre os autores

Ana Carneiro é licenciada em Química e doutorada em História das Ciências pela Universidade de Kent, Canterbury, Grã-Bretanha. Actualmente, é professora auxiliar com agregação no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, e investigadora do Centro Interuniversitário de História e Filosofia da Ciência e da Tecnologia, pólo da Universidade Nova de Lisboa. É membro fundador do grupo internacional STEP (*Science and Technology in the European Peripheries*). Tem artigos publicados em diversas revistas internacionais especializadas e em publicações nacionais sobre temas de história da química e da geologia do século XIX. Das publicações mais recentes, destaca-se M. C. Lourenço, A. Carneiro (eds.), *Spaces and Collections in the History of Science. The Laboratorio Chimico Overture* (Museum of Science of the University of Lisbon, 2009).

Ana Catarina Teixeira da Silva é licenciada em Conservação e Restauro pelo Instituto Politécnico de Tomar (2005) e pós-graduada em Estudos de Fotografia pelo Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing (2003). Está actualmente a frequentar o Mestrado em Museologia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Entre 2001 e 2010, colaborou com o Instituto dos Museus e da Conservação, na área da conservação de colecções, no Museu Nacional de Etnologia, no Museu de Arte Popular e no Instituto Português de Conservação e Restauro; mais recentemente, no MUDE, Museu do Design e da Moda. Presentemente, encontra-se a desenvolver um estágio na Universidade de Lisboa para o levantamento do seu património cultural, no âmbito das Comemorações do Centenário. A sua dissertação de mestrado, em curso, também aborda o tema do património da Universidade de Lisboa.

Ana Isabel Correia é doutorada em Biologia (Ecologia e Biosistemática) pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (1995). É professora auxiliar do Departamento de Biologia Vegetal da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e investigadora do Centro de Biologia Ambiental da mesma instituição. É conservadora de Plantas Vasculares do Herbário LISU — Jardim Botânico do Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa (desde Setembro de 2003), e tem desenvolvido actividade científica na área da sistemática e da ecologia de plantas vasculares e da fitoclimatologia. Actualmente, coordena o projecto *LISUtypes: Digitising Welwitsch African Types at the Herbarium of the University of Lisbon (Herbarium LISU)* e colabora no projecto *IMBAMB — Implementing Biodiversity Data Access and Management of Botanical Collections in Angola*.

Ana Maria Eiró, licenciada em Física e doutorada em Física Nuclear pela Universidade de Lisboa, é professora catedrática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e membro do Centro de Física Nuclear da mesma Universidade. Com uma longa actividade docente, tem publicado regularmente em revistas científicas da especialidade. Exerceu diversos cargos de direcção e gestão científica no contexto universitário e ainda na Sociedade Portuguesa de Física, na Sociedade Europeia de Física, na *Nuclear Physics Collaboration Committee* (Nupecc) e na Fundação para a Ciência e Tecnologia. Desde 2000 que se dedica a actividades de divulgação científica, tendo sido comissária de várias exposições que se realizaram na Fundação Calouste Gulbenkian em 2002, 2005 e 2006. Enquanto directora do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, desde 2006, foi responsável por diversas exposições e manifestações culturais nos Museus da Politécnica, que coordenou entre Março de 2007 e Dezembro de 2010.

Ana Mehnert Pascoal é licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2008) e mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro pela mesma instituição (2010). Em 2009, colaborou com a Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, e colabora pontualmente com o Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e com a Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões. Presentemente, é bolsista da Universidade de Lisboa no âmbito das comemorações do seu centenário, fazendo parte do grupo de trabalho do levantamento do património histórico, científico, artístico e arquitectónico da Universidade. Os seus principais interesses de investigação incidem sobre história e arte contemporâneas e património cultural.

António M. Galopim de Carvalho é doutorado em Geologia pela Universidade de Lisboa e professor catedrático jubilado da Faculdade de Ciências da mesma Universidade, sendo autor de vasta bibliografia científica, de divulgação e de ficção. Foi director do Museu Nacional de História Natural, onde continua a desenvolver trabalho na salvaguarda, divulgação e valorização do património geológico de Portugal. Foi condecorado com inúmeros prémios e medalhas relacionados com a ciência, a sua divulgação e os museus.

César Lopes é licenciado em Geografia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pós-graduado em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. É técnico superior do Museu Nacional de História Natural e tem desenvolvido actividade de gestão cultural, programação museológica e concepção, produção e avaliação de exposições e das várias edições da Feira Internacional de Minerais, Gemas e Fósseis de Lisboa. Tem, ainda, exercido actividade de assessoria da direcção do Departamento de Geologia. Interessa-se por história das ciências. É autor de artigos e publicações no âmbito da museologia.

Clara Moura Soares licenciou-se em História, variante de História da Arte, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1996). Concluiu o Mestrado em Arte, Património e Restauro, na mesma instituição (1999), onde também se doutorou (2006). Entre 1998 e 2006 foi equiparada a assistente no Departamento de Conservação e Restauro da Escola Super-

rior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Tomar. É actualmente professora auxiliar do Departamento de História (Instituto de História da Arte) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, para onde entrou em 2006. Tem desenvolvido os seus estudos nos âmbitos da arte contemporânea e da história e teoria da intervenção em monumentos, áreas em que tem orientado diversas teses. É investigadora responsável do Projecto Eneias, 'A colecção de pintura da Biblioteca Nacional de Portugal: do resgate do património artístico conventual na implantação do Liberalismo ao estudo integrado de conservação e divulgação', financiado pela FCT.

Fernando António Baptista Pereira é licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pós-graduado em Museologia pelo Instituto Português do Património Cultural. Doutorou-se em Ciências da Arte (História da Arte) pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde é presentemente professor associado, assegurando a leccionação de disciplinas e seminários nos três ciclos de estudos. Foi o autor do plano de estudos e é o coordenador da Licenciatura em Ciências da Arte e do Património na FBAUL. É autor de vasta bibliografia nos domínios da História da Arte e da Cultura, especialmente das épocas moderna e contemporânea, incluindo artigos especializados, obras de síntese e monografias de artistas, assim como no domínio da museologia (vários catálogos de exposições e de colecções museológicas). Para a Fundação Gulbenkian, fez a revisão científica da *Nova História da Arte*, de Janson. Autor do conceito e da programação de diversos museus e exposições realizadas, nos últimos 20 anos, em vários pontos do território nacional, em Macau, em Espanha e no Brasil, destacando-se, recentemente, o Museu do Oriente, em Lisboa, e as exposições 'Arte e Cultura do Império Russo nas Colecções do Museu Hermitage' e 'Símbolos da República'.

Hugo Cardoso é doutorado em Antropologia pela McMaster University (2005), tendo a sua dissertação sido premiada com o *CAGS-UMI Dissertation Award* (Canadá). Foi bolsista de pós-doutoramento no Museu Nacional de História Natural, em Lisboa, no Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra e no Serviço de Higiene e Epidemiologia da Faculdade de Medicina do Porto, entre 2006 e 2008. É, desde 2008, investigador auxiliar do Museu

Nacional de História Natural / Centro de Biologia Ambiental (Universidade de Lisboa), onde faz investigação na área da biologia e desenvolvimento do esqueleto humano nas suas aplicações forenses, arqueológicas e paleontológicas, e professor auxiliar convidado da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, onde lecciona Antropologia Forense. Foi colaborador do mesmo Museu desde 1998 e, desde 2007, é colaborador da Delegação do Norte do Instituto Nacional de Medicina Legal, onde faz exames periciais de antropologia forense.

Ireneia Melo é licenciada em Biologia pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (1969) e graduada pela mesma Faculdade (1979). É investigadora principal do Jardim Botânico do Museu Nacional de História Natural e conservadora da Colecção de Fungos do Herbário LISU. É investigadora do Centro de Biologia Ambiental da FCUL. Tem desenvolvido actividade científica na área da taxonomia, sistemática e biogeografia de fungos *aphyllophorales* ibéricos, macaronésicos e norte-africanos e participado em projectos, nacionais e internacionais, dedicados a estas áreas. Actualmente, integra a equipa do projecto ibérico *Biogeografia de Corticeaceos (Basidiomycota) Macaronésicos: la conexión Africana* e participa na revisão das poliporáceas (*Fungi, Basidiomycota*) europeias. Tem colaborado em actividades de divulgação relacionadas com o Museu Nacional de História Natural e com os jardins botânicos. É autora de cerca de 70 publicações científicas.

José Pedro Sousa Dias é professor associado na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, onde é responsável pela disciplina de História da Farmácia e da Terapêutica e outras da área dos estudos sociais aplicados à farmácia. É doutorado em Farmácia pela Universidade de Lisboa, com uma tese sobre a farmácia setecentista, e tem centrado o seu percurso como investigador na história das ciências da saúde. É membro do Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência e da sua direcção, tendo como actuais interesses de investigação a história contemporânea das ciências biomédicas em Portugal, os aspectos científicos e sociais da história do medicamento nos séculos XVII e XVIII e a história da medicina e da farmácia na expansão e colonização portuguesa. Actualmente, é pró-reitor da Universidade de Lisboa, com a responsabilidade da coordenação das comemorações dos seus cem anos.

Liliana Póvoas é licenciada em Geologia pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e pós-graduada em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. No Museu Nacional de História Natural, onde trabalha, tem desenvolvido investigação científica em paleontologia dos roedores do Quaternário e, nesse domínio, realizou provas de equivalência a mestrado. Dedicou-se à divulgação científica da geologia e à museologia, nomeadamente programação museológica e concepção, coordenação e montagem de exposições no Museu e noutras instituições, ao abrigo de acordos e protocolos institucionais. Também se tem ocupado da gestão das colecções geológicas. Tem interesse pela história e filosofia das ciências, tendo desenvolvido alguma actividade neste campo. É autora de artigos e publicações nos domínios da paleontologia de roedores, museologia e divulgação da geologia.

Luís Miguel Carolino é investigador auxiliar, contratado no âmbito do programa 'Ciência 2007', do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa e do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, pólo da Universidade de Lisboa. Doutorou-se pela Universidade de Évora em História da Ciência, realizou pós-doutoramentos no *Istituto e Museo di Storia della Scienza*, Florença, Itália, e no Museu de Astronomia e Ciência Afins, Rio de Janeiro, Brasil, onde também foi pesquisador-adjunto. Os seus interesses de investigação centram-se na história da astronomia (séculos XVII-XIX), revolução cosmológica (séculos XVI-XVII), dimensão pública da ciência (séculos XIX e XX) e história do ensino de ciências, com especial ênfase para o século XIX. Nestas áreas, tem publicado extensamente em revistas internacionais da especialidade.

Manuel Valente Alves é médico e artista plástico, director do Museu de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. É co-regente da disciplina de História da Medicina na FMUL e membro do Centro de Filosofia das Ciências da UL. Editou e co-editou, entre 1997 e 2010, 16 livros que articulam o pensamento médico com a cultura visual. Foi curador de várias exposições que cruzaram arte e ciência: Fundação Calouste Gulbenkian (1999), Museu Nacional de Arte Antiga (2005), Centro de Congressos de Lisboa (2009), Museu Nacional Soares dos Reis (2010). Esta última foi uma das exposições oficiais da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário

da República. Como artista plástico, realizou, entre 1984 e 2010, 27 exposições individuais e participou em mais de quatro dezenas de colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Está representado, entre outras, nas seguintes colecções públicas: Caixa Geral de Depósitos, Centro de Arte Moderna da FCG, Centro Português de Fotografia/MC.

Maria João Baptista Neto licenciou-se em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1985). Concluiu o Mestrado, na mesma Faculdade (1990), com apresentação de uma tese sobre *O Restauro do Mosteiro de Santa Maria da Vitória de 1840 a 1900*. Doutorou-se em 1996 com uma tese intitulada *A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a Intervenção no Património Arquitectónico em Portugal (1929-1960)*. É, actualmente, professora associada com agregação de História da Arte na Faculdade de Letras de Lisboa. Tem desenvolvido os seus estudos e projectos na área da arte contemporânea e da história e teoria do restauro e da conservação de obras de arte.

Maria João Baptista Bonina Grilo, licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, mestre em História da Arte, doutoranda em História Contemporânea na mesma Universidade, com o título de tese *Imagem e Poder Republicano: a Iconologia da República em Portugal, 1910-1926*, e investigadora da FCT. Exerce as funções de docente na Universidade Lusíada de Lisboa, nas Faculdades de Arquitectura e Artes e Artes e Humanidades. É autora de várias publicações envolvendo as temáticas do mecenatismo no Renascimento italiano; Portugal e a Borgonha no século xv; a emblemática da Universidade de Lisboa; a acção artística e cultural de Raul Lino; a acção mecenática de José Relvas no Ribatejo, em especial a encomenda da Casa dos Patudos a Raul Lino; e o mecenatismo corporativo contemporâneo. Organizadora de vários colóquios e encontros científicos, tanto no âmbito da Universidade Lusíada de Lisboa como no âmbito da Câmara Municipal da Golegã. Participou em diversos colóquios nacionais e no estrangeiro.

Maria Judite Alves é licenciada em Biologia pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (1998), doutorou-se em Biologia, especialidade Biologia Evolutiva, pela mesma Universidade. Tornou-se investigadora auxiliar do Museu Nacional de História Natural

em 2001 e está integrada no Centro de Biologia Ambiental da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Desenvolve investigação na área da evolução e biosistemática da ictiofauna dulciaquícola ibérica. É co-autora de mais de 20 publicações científicas em revistas internacionais da especialidade e de dois capítulos de livros, sendo de destacar a participação na elaboração do Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. É curadora da Colecção de Peixes e curadora-adjunta da Colecção de Tecidos e ADN do Museu Nacional de História Natural e responsável pelo Arquivo Histórico Museu Bocage do mesmo Museu. Tem procurado promover e participar em iniciativas que visam a disseminação do património de história natural, de que se destaca a sua actividade como comissária da exposição 'Biodiversidade em Portugal' que decorreu na Assembleia da República em Maio de 2010. É coordenadora do curso avançado 'Colecções de História Natural e Biodiversidade' do plano doutoral em Biodiversidade, Genética e Evolução da Universidade de Lisboa e Universidade do Porto.

Marta C. Lourenço possui formação de base em Física pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (1992), Mestrado em Museologia pela Universidade Nova de Lisboa (2000) e Doutoramento em Epistemologia e História da Tecnologia pelo *Conservatoire National des Arts et Métiers*, Paris (2005). Trabalha no Museu de Ciência da Universidade de Lisboa como investigadora responsável pelas colecções desde 1998. Pertence ao Centro Interuniversitário de História da Ciência e da Tecnologia, pólo da Universidade de Lisboa. Das publicações mais recentes, destacam-se M. C. Lourenço, A. Carneiro (eds.), *Spaces and Collections in the History of Science. The Laboratorio Chimico Overture* (Museum of Science of the University of Lisbon, 2009) e Marcus Granato, M. C. Lourenço (eds.), *Colecções Científicas de Instituições Luso-Brasileiras: Património a Ser Descoberto* (MAST/MCT, Rio de Janeiro, 2010). É consultora para o património científico da Real Academia das Ciências de Estocolmo. É vice-presidente do UNIVERSEUM (*European Network of Academic Heritage*) e membro da Direcção Nacional da Comissão Portuguesa do *International Council of Museums* (ICOM).

Marta Nogueira é arquivista e bibliotecária na Universidade de Lisboa, Departamento de Documentação (Núcleo Arquivo), trabalha na área dos arquivos universitários e repositórios institucionais. É mem-

bro do grupo de trabalho do Repositório Institucional da Universidade de Lisboa (desenvolvimento, gestão e serviços associados, 2007-presente). Possui pós-graduação em Ciências Documentais, variante Bibliotecas e Documentação (2001) e variante Arquivo (2004) e pós-graduação em Comunicação (2007). É bolsista de investigação da FCT no projecto 'Fontes Documentais II' (2002-2005), Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais/IHRU.

Pedro M. P. Raposo é mestre em História e Filosofia das Ciências pela Universidade de Lisboa e doutorado em História da Ciência pela Universidade de Oxford. É membro do Centro Interuniversitário de História da Ciência e da Tecnologia, pólo da Universidade de Lisboa. Os seus interesses de investigação enquadram-se na temática geral da circulação e apropriação do conhecimento e seu impacto no desenvolvimento da ciência e suas instituições, com especial incidência na história da astronomia e ciências afins.

Vanda Leitão tem Mestrado e Doutoramento em História da Ciência pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. É membro do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, pólo da Universidade Nova de Lisboa, e do Grupo de História da Sociedade Portuguesa de Química. A sua investigação assenta sobretudo na história da geologia e da química do século xix.

Vítor Serrão é professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde dirige o Instituto de História da Arte e coordena os cursos de pós-graduação em História da Arte. É autor de vários livros, ensaios, catálogos de exposições, comunicações em congressos e artigos em revistas da especialidade, nacionais e estrangeiras, sobre temas de teoria da arte, de gestão do património cultural e de pintura portuguesa dos séculos xv a xviii.

PATRIMÓNIO
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

foi composto em caracteres ITC
Garamond Std e Myriad Pro e
impresso pela Offsetmais, Artes
Gráficas S.A., sobre papel Crea-
tor Vol de 135 gramas, numa
tiragem de mil exemplares, no
mês de Março de 2011.